

## **XXIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HIDRÍCOS**

### **A DRENAGEM E A CHUVA NA NARRATIVA DO JORNAL NACIONAL SOBRE A TEMPESTADE HISTÓRICA DE 8 DE ABRIL DE 2019 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

*Raylton Alves Batista <sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

Este trabalho focaliza quatro reportagens veiculadas pelo Jornal Nacional, telejornal da TV Globo, entre 8 e 9 de abril de 2019, sobre a tempestade histórica que aconteceu no município do Rio de Janeiro no dia 8 de abril. O objetivo desta pesquisa é analisar com que perspectivas a drenagem e a chuva são retratadas na narrativa do Jornal Nacional sobre o tema. Para tanto, a abordagem teórico-metodológica utilizada é a Análise Crítica da Narrativa, que permite revelar qual é a relação comunicativa entre quem narra uma estória e seu público, além dos sentidos criados neste processo. Após a análise das quatro reportagens, é possível perceber que a drenagem é pouco abordada pelo Jornal Nacional como uma alternativa para minimizar os efeitos da tempestade em questão. Por outro lado, a chuva é enfatizada como a grande vilã responsável pelos alagamentos, enxurradas e deslizamentos de terra sem uma correlação clara entre a tempestade e a drenagem.

#### **ABSTRACT**

This paper focuses on four news broadcasted by the Jornal Nacional, TV Globo's television news program, between April 8 and 9, 2019, about the historical storm that occurred in the city of Rio de Janeiro on April 8. This research aims to analyze which perspectives drainage and rain are represented by the Jornal Nacional narrative about the theme. For this purpose, the theoretical and methodological approach used is the Critical Analysis of Narrative, which allows to reveal what's the communicative relationship between who tells a story and its audience, besides the meanings created in this process. After analyzing the four selected news, it's possible to perceive that drainage is approached insufficiently by the Jornal Nacional as an alternative to minimize the storm effects mentioned. On the other hand, rain is emphasized as the great villain responsible for floods and landslides without a clear correlation between storm and drainage.

**Palavras-Chave:** drenagem; chuva; narrativa

#### **INTRODUÇÃO**

---

1) Servidor da Agência Nacional de Águas (ANA) e mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCom/FAC/UnB). Afiliação: Adão Batista e Rosa Maria Alves Batista. Endereço completo: Rua Babaçu, Lote 3, Apt. 1911, Águas Claras, Brasília (DF). CEP: 71928-000. Telefones: (61) 98129-8288 e (61) 3546-5944. E-mail: [raylton@gmail.com](mailto:raylton@gmail.com).

Em 8 de abril de 2019, aconteceu a maior chuva registrada pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) no município do Rio de Janeiro desde 1997. Na ocasião houve uma precipitação média de 190 milímetros, sendo que em alguns bairros, chegou a chover 335,2 milímetros. Em função desta tempestade atípica, a capital fluminense enfrentou uma série de consequências concernentes ao grande volume de água precipitado, tais como: enxurradas, alagamentos de vias públicas, queda de árvores, deslizamentos de terra, mortes de pessoas, desabamento de residências, interrupção de serviços de transporte público, entre outras. Dada excepcionalidade da situação, a imprensa logo iniciou a cobertura dos impactos da tempestade, mobilizando suas equipes de reportagem para noticiar os efeitos do fenômeno no cotidiano da segunda maior cidade do Brasil, cuja população estimada é de 6.688.927 habitantes conforme dados do IBGE (2018).

Um dos veículos de imprensa que deram ampla cobertura ao tema foi a TV Globo, cuja sede fica no bairro do Jardim Botânico, um dos afetados pela tempestade devido ao alagamento de vias públicas. Seu telejornal de maior audiência, o Jornal Nacional, no próprio dia 8, enquanto a forte chuva ainda acontecia, prontamente veiculou uma breve reportagem de 2 minutos e 24 segundos a respeito da situação de paralisia do Rio de Janeiro em função das chuvas, enxurradas, alagamentos e deslizamentos de terra em vários pontos do município. A cobertura mais expressiva, contudo, aconteceu na edição do dia seguinte, quando o telejornal mais assistido do Brasil veiculou cinco reportagens motivadas pela chuva histórica, totalizando 23 minutos e 32 segundos, ou seja, um tempo quase dez vezes superior ao do dia anterior e que é significativo, já que o programa costuma durar cerca de 50 minutos às terças-feiras, já incluindo os intervalos comerciais.

Dentre as reportagens exibidas em 9 de abril de 2019 no Jornal Nacional, houve materiais jornalísticos sobre o balanço de vítimas fatais devido à tempestade e suas consequências no ambiente urbano do Rio de Janeiro, um panorama acerca dos prejuízos causados pelo fenômeno, as falhas na atuação da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro quanto à prevenção ao evento climático extremo e após a tempestade. Devido à extensão deste trabalho, quatro das seis serão analisadas.

Em virtude da relevância conferida ao tema pelo Jornal Nacional, este trabalho busca compreender como um veículo da grande imprensa aborda, em suas narrativas, as chuvas e a drenagem no ambiente urbano no contexto de numa situação excepcional, tal como a das tempestades no Rio de Janeiro. Para tanto, o método que balizará este estudo será a Análise Crítica da Narrativa, desenvolvido pelo ex-professor Luiz Gonzaga Motta, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Para Motta (2013), a narrativa é um modo de expressão universal, já que o ser humano é um ser narrativo por natureza, e está presente em qualquer cultura ou tempo e em manifestações as mais diversas, como o jornalismo e a literatura. Já para Mota (2012, p. 14), as

narrativas permeiam a existência das pessoas. “Estudá-las é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o quê as narrativas realizam enquanto atos de fala.”

Este método permite a análise de narrativas por meio de sete movimentos analíticos indicados por Motta, os quais podem ser aplicados sem uma ordem específica. São eles: 1) compreender a intriga da narrativa como síntese do heterogêneo a partir da identificação da sequência de início, meio e fim da estória; 2) entender a lógica do paradigma narrativo, o que inclui a identificação dos pontos de virada e do clímax; 3) deixar surgirem novos episódios, além dos que já estão manifestos, sendo que neles acontecem as ações e transformações de uma narrativa; 4) permitir ao conflito dramático se revelar, sendo que toda estória contada possui conflitos nos quais atuam personagens; 5) identificar o papel dos personagens da narrativa; 6) compreender as estratégias argumentativas de quem narra; e 7) permitir que as metanarrativas, ou narrativas de fundo, aflorem. A partir destes movimentos, o analista pode compreender como se dá a relação comunicativa por parte de quem conta a narrativa e de quem a lê, escuta e/ou visualiza.

## AS NARRATIVAS DO JORNAL NACIONAL

### Temporal no início da noite paralisa o Rio de Janeiro

No dia da tempestade em questão, em 8 de abril de 2019, o Jornal Nacional (2019c) veiculou reportagem intitulada em seu *site* como “Temporal no início da noite paralisa o Rio de Janeiro”. Esta narrativa jornalística aborda os impactos iniciais da forte chuva, como enxurradas e alagamentos. O foco desta narrativa recai principalmente sobre as consequências do fenômeno climático para a mobilidade urbana do município. Neste sentido, o telejornal mostra como passageiros do transporte público ficaram ilhados em estações, devido à interrupção dos serviços de transporte ou mesmo por medo de serem arrastados pela correnteza nas ruas. Demonstra, ainda, que motoristas ficaram presos em seus veículos em meio à enxurrada. Outra ênfase é dada às imagens de veículos sendo arrastados pelas enxurradas. Há, também, vídeos a respeito de danos causados pelas enxurradas. A reportagem ainda é marcada por imagens de pessoas quase sendo levadas pela correnteza nas ruas e ações de resgate de motoristas que ficaram ilhados em seus carros em meio à força das águas.

Nesta primeira reportagem da cobertura do Jornal Nacional, uma das estratégias argumentativas é a utilização de frases que indicam aos telespectadores o grau de criticidade da situação, como: “carros foram arrastados”; “a água invadiu prédios”; “olhando parecia um rio, mas, na verdade, eram ruas completamente alagadas”. Para conferir ainda mais veracidade a esta narrativa, o Jornal Nacional se utiliza do recurso de mostrar seus repórteres como testemunhas oculares e como vítimas da

tempestade assim como qualquer cidadão carioca afetado pelo fenômeno climático, o que tende a gerar empatia no público. Um exemplo disso está no seguinte trecho narrado em *off* (por um locutor): "A repórter Bete Lucchese estava em um dos trechos alagados".

Dois conflitos ficam evidentes nesta narrativa jornalística. O primeiro deles diz respeito à contraposição entre as consequências da tempestade, como enxurradas, e a paralisação da mobilidade urbana da capital fluminense. Deste modo, o impedimento dos motoristas e pedestres para voltar para casa à noite sintetiza este embate. O segundo conflito, mais amplo, é representado pelo choque entre a força da natureza e os desafios impostos à vida cotidiana no ambiente urbano, como o fechamento de escolas.

A forte chuva é apresentada como vilã causadora de transtornos, tais como enxurradas e alagamentos responsáveis por prejuízos materiais. Por outro lado, a cidade é configurada como vítima do caos provocado pela tempestade, como fica claro em fala do âncora do telejornal, William Bonner, ao dizer na chamada para a reportagem: "Um temporal no início da noite desta segunda-feira provocou alagamentos e paralisou o Rio de Janeiro". Outras vítimas da situação são os motoristas e pedestres presos no trânsito, assim como a repórter Bete Lucchese, que ficou ilhada pela chuva. A jornalista também desempenha o papel de heroína, já que ela se arrisca em meio à enxurrada para levar a informação aos telespectadores sobre a gravidade da situação, assim como faz o repórter Pedro Figueiredo, também da TV Globo, que caminha num trecho alagado. Outro personagem que assume um caráter heroico é o transeunte anônimo que salvou uma motorista idosa que estava ilhada em seu veículo numa rua alagada. Veículos arrastados por enxurradas também cumprem o papel de ilustrar a força das águas.

Nesta reportagem, há uma metanarrativa de que chuvas trazem transtornos ao cotidiano de uma metrópole, como o Rio de Janeiro. Outra narrativa de fundo presente é a de que as grandes cidades brasileiras não estão preparadas para tempestades. Também fica implícito ao telespectador que o cidadão fica desamparado pelo Estado e precisa buscar alternativas para superar situações críticas, como as provocadas por fortes chuvas. Em síntese, o temporal é retratado meramente a partir de efeitos negativos à população, como enxurradas, problemas no trânsito e prejuízos materiais. Nesta narrativa, a drenagem sequer é citada, sendo que o grande volume de água acumulado nas vias públicas apenas é atribuído à tempestade.

### **Temporal no Rio deixa dez mortos**

Veiculada em 9 de abril, a reportagem intitulada "Temporal no Rio deixa dez mortos" pelo Jornal Nacional (2019d) enfatiza as perdas humanas de dez pessoas devido à tempestade histórica do

dia anterior, além das operações de resgate em busca de desaparecidos. Neste material, o Jornal Nacional faz uma série de relatos que contam minuciosamente as histórias de quem perdeu a vida em decorrência da forte chuva e suas consequências.

Em sua estratégia, o telejornal utiliza frases que denotam a gravidade das perdas humanas: “Num dos dias mais tristes da vida de Ingrid”, “Foi um resgate muito difícil”, “o fim de uma esperança”, entre outras. A reportagem também contém relatos de parentes ou amigos de vítimas fatais, que narram detalhadamente as histórias trágicas de quem veio a óbito em enxurradas, deslizamentos e alagamentos. Esta característica gera uma carga emocional maior ao material e tende a mobilizar mais a atenção do público sobre o assunto. Além disso, aspectos contraditoriamente felizes nas histórias, como o fato de que em duas delas as vítimas faleceram após saírem de festas, reforçam o aspecto emocional da cobertura, pois geram comoção.

Nesta reportagem há um conflito entre as tragédias causadas por eventos extremos e a busca pela sobrevivência ou pela adaptação por parte das pessoas que as enfrentam. Outra contraposição é feita entre a morte de pessoas próximas e a necessidade dos sobreviventes em conviver com estas perdas. Há, ainda, o conflito entre a ocupação irregular do solo e a necessidade de moradia por parte de famílias de baixa renda. Também está presente o embate entre a sobrevivência aos efeitos da tempestade e a busca por garantir os bens materiais, representada pelo caso do morador que tentou salvar seus pertences e acabou morrendo eletrocutado dentro de casa.

Assim como na reportagem anterior, a tempestade desempenha o papel de vilã responsável por danos materiais e perdas humanas. A capital fluminense volta a aparecer na história na condição de vítima da forte chuva, assim como seus habitantes. Outras vítimas apresentadas e que exercem o papel principal nesta narrativa são as pessoas que morreram afogadas, soterradas ou eletrocutadas por conta da tempestade. Para conferir mais humanidade à reportagem, pessoas próximas às vítimas contam como elas eram e o sentimento que tinham por elas. O heroísmo desta história é atribuído às equipes de resgate que buscavam desaparecidos, além de Gilson César, que tentou salvar sua vizinha Gerlane do Nascimento e acabou falecendo junto com ela numa enxurrada dentro da casa dela. A partir desta história, o telejornal confere uma condição heroica para a solidariedade da família de Gerlane, que se mobilizou na internet a fim de arrecadar fundos para que Gilson pudesse ter um enterro digno. A Defesa Civil é retratada como coadjuvante na condição de órgão público que condenou residências antes da tempestade e que acabaram desabando com a força das águas.

Esta reportagem do Jornal Nacional possui a metanarrativa segundo a qual ninguém, independente de idade ou classe social, está imune aos efeitos de um evento climático extremo, como a tempestade que caiu sobre o Rio de Janeiro naquela ocasião. Outra narrativa de fundo é a de que as populações mais pobres são especialmente mais vulneráveis aos efeitos de tempestades, pois esta

população é a que mais reside em áreas de risco. Mais uma vez o telejornal se atém a informar que as tempestades trazem consequências graves ao cotidiano de uma grande cidade, como a morte das dez pessoas impactadas por enxurradas ou deslizamentos de encostas. Mais uma vez, a drenagem sequer é mencionada direta ou indiretamente.

### **Rio amanhece revelando a destruição causada pela chuva**

Ainda em 9 de abril, o Jornal Nacional (2019b) veiculou a reportagem “Rio amanhece revelando a destruição causada pela chuva”. Nesta matéria, o telejornal apresenta um balanço sobre os diversos estragos causados pela tempestade do dia anterior em vários pontos do município. Uma das estratégias argumentativas é o uso de palavras e frases que indicam criticidade, como: “situações trágicas”, “tudo estava fora do lugar”, “cidade caótica”, entre outras. A veiculação de vídeos amadores – com cenas impactantes sobre danos causados pela chuva e com a narração feita pelos telespectadores – é um recurso utilizado para conferir um efeito de real e um efeito dramático ainda maior à reportagem. Esta estratégia é reforçada por imagens chocantes registradas pela própria TV Globo, como pessoas se locomovendo em barcos no meio da cidade ou pedestres agarrados em grades para conseguir se locomover por ruas alagadas. A criticidade também é evidenciada em frase da repórter Bete Lucchese no início da reportagem: “Imagens assim não precisam de descrição. Realmente tudo estava fora do lugar. E perigoso...”. Nesse sentido, no encerramento da matéria, a repórter afirma: “Imagens assim nos fazem ter a certeza de que tudo está fora de ordem”. Lucchese também utiliza a estratégia de relacionar a situação à questão da religiosidade ao mostrar uma casa destruída na Zona Norte, onde todos os cômodos ruíram com a enxurrada, exceto o altar presente na residência.

Dentre os conflitos desta narrativa novamente há um embate entre a força da natureza e o cotidiano urbano. Guardando coerência com as narrativas já analisadas, mais uma vez aparece uma contraposição entre a busca de sobrevivência pela população carioca ante a tempestade e os efeitos decorrentes dela, como enxurradas, alagamentos, deslizamentos e destruição de vias públicas.

Quanto aos personagens presentes, a tempestade segue na condição de vilã responsável pelos danos materiais e perdas humanas ocasionados. A capital fluminense volta a aparecer na estória na condição de vítima da forte chuva, sendo que a reportagem se utiliza da figura de linguagem da personificação, quando afirma que “[...] o Rio era uma cidade desolada e inconformada com mais uma série de situações trágicas provocadas pela chuva”. Outra configuração recorrente dos personagens é a atribuição de heroísmo aos repórteres da TV Globo, que gravam mesmo sob a chuva ou em pontos alagados em busca da narração do acontecimento. Este papel de informar também é



complementado pelos vídeos amadores enviados ao telejornal. Também aparecem como heróis anônimos cidadãos que ajudaram pessoas a escapar dos efeitos da chuva ou a lidar com eles. Aos Bombeiros também é atribuído o heroísmo pelo trabalho de busca por vítimas. Também é dado espaço para vítimas da tempestade relatarem como escaparam de situações de risco.

A metanarrativa de que as grandes cidades brasileiras não estão preparadas para fortes chuvas pode ser inferida, assim como a de que o cidadão comum fica desamparado pelo Estado numa situação crítica como a vivenciada pelos cariocas, o que requer a busca individual por alternativas. Por outro lado, consta da reportagem a narrativa de fundo segundo a qual a solidariedade do brasileiro em momentos dramáticos contribui para minimizar o sofrimento causado por eventos críticos, como a tempestade em questão. Outra metanarrativa embutida na estória é a de que em grandes tragédias acontecem pequenos milagres, como no caso do altar que não sucumbiu à força das águas. Novamente está presente a narrativa de fundo de que as chuvas trazem transtornos ao cotidiano urbano.

Em mais esta oportunidade, o Jornal Nacional se atém à tempestade e seus efeitos mais diretos para a população carioca, como enxurradas, alagamentos, deslizamentos e óbitos. A drenagem mais uma vez não é mencionada direta ou indiretamente. Assim, todas as imagens dos estragos causados pela forte chuva podem reforçar a concepção, pelo telespectador, de que os impactos da forte chuva se devem apenas ao próprio fenômeno climático extremo e não incluem o fator drenagem.

### **Marcelo Crivella, prefeito do Rio, admite falha de planejamento e demora na ação**

Na reportagem intitulada “Marcelo Crivella, prefeito do Rio, admite falha de planejamento e demora na ação”, veiculada também em 9 de abril, o Jornal Nacional (2019a) informa que na véspera da tempestade, no dia 7, o Centro de Operações da Prefeitura do Rio previu uma possível chuva forte para 8 de abril. O telejornal também divulga que a Defesa Civil Municipal emitiu dois alertas no próprio dia 8, sendo um anterior à tempestade e outro durante a precipitação. Esta reportagem aborda uma série de declarações do prefeito Marcelo Crivella para justificar a morosidade de sua gestão em adotar medidas para mitigar os efeitos da tempestade na capital fluminense. Também trata da ausência de investimentos em drenagem e da importância de se investir em ações de drenagem.

Nesta reportagem há uma estratégia argumentativa de enfatizar os locais que costumam registrar alagamentos ou deslizamentos de terra na cidade sem que ações da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro sejam adotadas nestes locais. O Jornal Nacional também questiona a presença de trabalhadores da Prefeitura nas ruas durante a tempestade. Nesse sentido, o repórter Helder Duarte levanta o seguinte questionamento “Se a prefeitura do Rio sabia da possibilidade de chuva forte, onde ela estava antes e durante o temporal? Essa é a pergunta inevitável de quem enfrentou o caos.”. Neste

material produzido pelo telejornal também há questionamentos sobre a ausência de investimentos da Prefeitura em drenagem, sendo que o prefeito é retratado em falas que demonstram a hesitação de sua gestão para lidar com os efeitos da tempestade e a falta de ações preventivas no Rio de Janeiro.

Dentre os conflitos presentes nesta narrativa, o mais evidente é o representado pela falta de ações preventivas da Prefeitura e os impactos da tempestade. Outro embate presente é o da oposição entre problemas recorrentes e a inércia também recorrente do governo municipal. Consta da reportagem, ainda, a contraposição entre cortes orçamentários em drenagem e a necessidade de investimentos no setor para prevenção de novas enxurradas, alagamentos e deslizamentos.

A Prefeitura do Rio é posicionada como vilã por não ter adotado tempestivamente as medidas preventivas à chuva e por não ter agido para mitigar os transtornos gerados pelo fenômeno à população carioca. O prefeito Marcelo Crivella também desempenha um papel de vilão e de personagem principal devido à sua inépcia na atuação durante a crise e ao fato de ter assumido que foi surpreendido pela situação, mesmo com alertas de órgãos municipais emitidos antes da tempestade. Um funcionário da Prefeitura não identificado contribui para reforçar esta imagem de colapso administrativo ao afirmar, para repórter Helder Duarte, que estava retirando o lixo acumulado em bueiros com as próprias mãos. A Defesa Civil Municipal aparece como coadjuvante que realizou seu trabalho de emitir alertas sobre os riscos da chuva aos cariocas. Outro órgão mencionado é o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), que realiza um papel de coadjuvante ao informar sobre repasses que realizará para a Prefeitura do Rio no sentido de obras de drenagem e manejo de águas pluviais. A narrativa coloca o repórter Helder Duarte numa posição de heroísmo ao sair caminhando nas proximidades da TV Globo em meio à enxurrada em busca de informações para narrar ao público e por apresentar questionamentos quanto à atuação da Prefeitura relativa à tempestade. Também com um certo heroísmo, o Portal Rio Transparente informa que a Prefeitura do Rio ainda não havia investido recursos em drenagem até aquele momento de 2019. A própria drenagem desempenha o papel de alternativa para minimizar os efeitos de tempestades no município. O geógrafo Marcelo Motta é entrevistado e atua como coadjuvante que alerta para a importância de investimentos em prevenção. A estória também destaca vítimas prejudicadas pela tempestade.

Esta reportagem possui a metanarrativa de que o Estado é negligente para prevenir tragédias e moroso para solucionar problemas recorrentes nas grandes cidades, o que demonstra o não aprendizado com tragédias anteriores. Também está presente a narrativa de fundo segundo a qual os governantes prometem ações para que os problemas não voltem a acontecer. Isto fica manifesto na seguinte frase narrada em *off* (por um locutor): “Nesta terça, Marcelo Crivella fez mais uma promessa [...]”. Mais uma vez, está nas entrelinhas o desamparo do cidadão por parte do Estado em situações



críticas, o que leva as pessoas a buscar alternativas para superá-las. Nesta reportagem aparece a metanarrativa de que investimentos em drenagem podem evitar a repetição de tragédias semelhantes.

A drenagem desempenha um papel significativo nesta narrativa por ser apresentada como alternativa para minimizar os impactos de tempestades no Rio de Janeiro e por ser retratada como um assunto deixado em segundo plano pela Prefeitura, já que o governo municipal não havia investido recursos na área até então. Outra menção ao tema está no destaque dado a um funcionário da Prefeitura que atuou para limpar as bocas de lobo visando a aumentar o volume de água que chegava à rede de águas pluviais nas proximidades da sede da TV Globo. Existe, ainda, uma citação ao saneamento, pois cidadãos tiveram que caminhar em ruas com esgotos diluídos na enxurrada. Ainda que a drenagem apareça num papel de protagonista, o maior questionamento diz respeito à ausência de funcionários da Prefeitura nas ruas para auxiliar a população carioca. Nesta reportagem, a ênfase é mais administrativa e a chuva é menos enfatizada como causadora de problemas na metrópole do que nas demais narrativas analisadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos quatro episódios da narrativa do Jornal Nacional sobre a tempestade que caiu no Rio de Janeiro em 8 de abril de 2019, a drenagem é retratada de maneira secundária. Via de regra, o telejornal informa os efeitos da forte chuva na vida da população, tais como: vias bloqueadas por alagamentos; enxurradas que causam destruição de veículos, imóveis e ciclovias; mortes de pessoas em virtude de deslizamentos de terra e enxurradas. Enfim, estas consequências são atribuídas, à própria chuva em três das quatro reportagens analisadas – “Temporal no início da noite paralisa o Rio de Janeiro”, “Temporal no Rio deixa dez mortos” e “Rio amanhece revelando a destruição causada pela chuva”. Apenas na reportagem “Marcelo Crivella, prefeito do Rio, admite falha de planejamento e demora na ação” a importância da drenagem é evidenciada, sendo que há um destaque para a ausência de investimentos em drenagem por parte da Prefeitura do Rio de Janeiro.

No entanto, não está presente na narrativa a contextualização sobre o que é drenagem – os repórteres partem do pressuposto de que os telespectadores já sabem o que significa este ramo do saneamento, que também é integrado pelo abastecimento, coleta e tratamento de esgotos e manejo de resíduos sólidos segundo Whately e Campanilli (2016). Também não é explicado pelo telejornal como a drenagem contribui para que uma cidade como o Rio de Janeiro se torne menos suscetível a enxurradas e alagamentos, como os vivenciados pela população carioca em abril deste ano.

Sobre as chuvas, as narrativas seguem uma linha que posicionam a tempestade como grande vilã para o caos que se instalou no Rio de Janeiro em abril deste ano. A forte chuva também é tratada

como causa dos transtornos e não há uma abordagem mais aprofundada sobre como uma drenagem insuficiente na capital fluminense contribui para agravar enxurradas, alagamentos e até mesmo deslizamentos de encostas. Enfim, a narrativa do Jornal Nacional centra sua atenção nas consequências do evento climático extremo, como alagamentos e deslizamentos de terra, e se pauta por uma lógica segundo a qual as águas que tomaram conta do município foram decorrência da tempestade pura e simplesmente. Nas reportagens analisadas, a cidade e seus moradores são enquadrados pelo telejornal como vítimas da tempestade histórica.

## REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2018). *População estimada em 2018 no serviço Brasil em cidades*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pano-rama>>.

JORNAL NACIONAL (2019a). *Marcelo Crivella, prefeito do Rio, admite falha de planejamento e demora na ação*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/09/prefeito-do-rio-admite-falha-de-planejamento-e-demora-na-acao.ghtml>.

JORNAL NACIONAL (2019b). *Rio amanhece revelando a destruição causada pela chuva*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/09/rio-amanhece-revelando-a-destruicao-causada-pela-chuva.ghtml>.

JORNAL NACIONAL (2019c). *Temporal no início da noite paralisa o Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/08/cidade-entrou-en-estagio-de-atencao-sirenes-foram-acionadas-em-pelo-menos-em-19-comunidades.ghtml>.

JORNAL NACIONAL (2019d). *Temporal no Rio deixa dez mortos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/09/temporal-no-rio-deixa-dez-mortos.ghtml>.

MOTA, C. L. (2012). “Apresentação”, in *Narrativas midiáticas*. Org. por Mota, C.L. et al. Narrativas midiáticas. Insular, Florianópolis – SC, pp. 11 – 20

MOTTA, L. G. (2013). *Análise crítica da narrativa*. Editora Universidade de Brasília, Brasília – DF, 254 p.

WHATELY, M. e CAMPANILI, M. (2016). *O século da escassez*. Uma nova cultura de cuidado com a água: impasses e desafios. 1. ed. Claro Enigma, São Paulo – SP, 120p.